



Língua Ticuna (ou Tikuna)

Marília Facó Soares

Lingüista do Museu Nacional/UFRJ (professora do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social e do Programa de Pós-Graduação em Lingüística) e pesquisadora do CNPq.

Do ponto de vista histórico-comparativo, a língua Ticuna (ou Tikuna) ainda é considerada como um tipo isolado único. Greenberg (1987) fez o Ticuna aparecer como membro de um suposto tronco Macro-Tukano. No entanto, devido a falhas nos procedimentos empregados – em que dados foram considerados de maneira inacurada, em que não houve controle dos empréstimos e em que falsas etimologias foram criadas –, o trabalho de Greenberg (1987) resultou em uma classificação probabilística bastante criticada e sem o necessário respaldo científico (ver a propósito Kaufman, 1990). Em termos de suas propriedades específicas, o Ticuna apresenta pontos em comum com algumas outras línguas indígenas faladas no Brasil, ao mesmo tempo em que oferece características desafiadoras, quer quanto à fonologia, quer quanto à sintaxe. Tais características podem ser observadas nos estudos de Soares e Montes, que realizam pesquisa direta sobre essa língua, respectivamente, no Brasil e na Colômbia.

Fonologicamente, possui o Ticuna um sistema tonal complexo - em que as manifestações fonéticas não apresentam, de maneira transparente e direta, todas as motivações dos processos que as originam. Quando, em 1959, Lambert Anderson revelou ao mundo que o Ticuna era uma língua tonal, fez a sua revelação ser acompanhada da afirmação de que "É de particular interesse para o campo lingüístico o sistema de cinco níveis fonêmicos de altura que constituem o primeiro sistema de tom assim intrincado a ser encontrado na América do Sul. Até agora admitiu-se que na América do Sul não havia línguas tonais de tipo semelhante às da China, da África ou do México (...)" (cf. Anderson, 1959: 77). Nos dias de hoje, as análises até o momento efetuadas alcançaram reduzir o número de tons subjacentes/ fonológicos propostos para o Ticuna – língua na qual são materialmente encontrados os seguintes níveis fonéticos de altura (pitch): alto, meio-alto, médio, meio-baixo, baixo e extrabaixo. Os tons fonológicos podem ser maximamente reduzido a dois – os tons alto e baixo (Soares, 1995b; 1996; 1998) – ou ter a sua redução limitada a três – os tons alto, médio e baixo (Montes, 1987; 1995). O tom médio foi considerado como não-especificado na representação fonológica subjacente por Soares em 1994 (ver Soares, 1995a). O argumento utilizado desde então é o de que o tom médio - contrastivo em Ticuna, mas sem atividade fonológica - deve estar ausente de certos morfemas para que haja uma expressão perfeita de processos ligados aos tons, entre os quais a dissimilação tonal, ligada ao Princípio do Contorno Obrigatório (OCP ou PCO). A ausência do tom médio das representações subjacentes/fonológicas e a sua materialização fonética em Ticuna insere essa língua diretamente no debate internacional sobre subespecificação/não-especificação em fonologia (Soares, 1998; 2001). Com relação aos tons fonológicos alto e baixo, esses não se propagam automaticamente em Ticuna (Soares, 1998): sua propagação, que não é obrigatória, diz respeito unicamente às representações finais, sendo que, para esse processo: (i) há exigência de adjacência silábica; (ii) o domínio de propagação é a palavra morfológica e o legitimador indireto é a vogal não-especificada do ponto de vista tonal. A idéia de legitimação combinada àquela da não-especificação do tom médio

pode dar conta dos fatos do Ticuna referentes à palavra morfológica. Os tons alto e baixo podem alcançar realizações fonéticas extremas (respectivamente mais alta e mais baixa) devido a alguns efeitos já identificados, como o alinhamento do tom com a margem da palavra e o papel da oclusão glotal.

Tipologicamente, o Ticuna é uma língua nominativo-acusativa. Apresenta flexibilidade na ordem dos constituintes maiores de uma sentença, sendo que a chamada ordem Sujeito Objeto Verbo (SOV) – analisada como derivada ou não – é, em si, suficiente para a explicitação de funções sintáticas. A língua apresenta tópico sentencial morfológicamente marcado e ocupante direto da periferia esquerda da sentença. Esse fato convive com uma assimetria entre sujeito e objeto, na qual é o objeto que sobressai, já que sua situação sintática se apresenta como muito mais elaborada do que aquela do sujeito: uma lacuna estrutural é admitida para sujeitos, mas não para objetos; a construção conhecida como redobro do clítico é uma possibilidade sintática associada a diferentes posições ocupadas pelos argumentos interpretados como objetos (e jamais por aqueles interpretáveis como sujeitos). A língua Ticuna também apresenta um sistema de clíticos e um sistema de marcação temporal fora dos padrões habitualmente considerados pelos lingüistas. Primeiro, porque clíticos são comuns em línguas pro-drop, isto é, línguas em que ocorre omissão do sujeito (abstratamente representado por pro) em orações finitas declarativas ou interrogativas; e o Ticuna é uma língua que, sendo pro-drop, necessita de uma investigação com respeito às categorias funcionais que servem como sítios de adjunção para os clíticos. Segundo, porque o Tempo, em diversas línguas, tem sido considerado como uma das categorias funcionais às quais os clíticos podem ser adjungidos (por exemplo, em grego e nas línguas românicas padrão, Tempo serve como hospedeiro para clíticos quando os traços de Tempo são fracos). E, em Ticuna, Tempo não é uma categoria funcional à qual os clíticos possam se adjungir (cf. Soares, 2000a; 2000b). Esses fatos possuem implicações para a teoria gramatical, sendo que uma delas é a assimetria entre sujeito e objeto, e a outra é o estatuto categorial do Tempo nas línguas naturais.

A língua Ticuna é, de modo geral, intensamente falada, por crianças, jovens e adultos, na vida quotidiana, inclusive em aldeias próximas às cidades. Dada a extensão da área em que é falada, constitui um campo fértil e ainda virgem para o estudo da variação lingüística. Assim, tipo isolado único, o Ticuna é importante para o conhecimento das línguas naturais e para a compreensão da história dos povos e das línguas indígenas faladas no Brasil.

Referências bibliográficas

- ANDERSON, L. "Ticuna vowels with special regard to the system of five tonemes" . *Publicações Avulsas do Museu Nacional*. Rio de Janeiro, Série Lingüística, 1959.
- GREENBERG, J. H. *Language in the Americas*. Stanford: Stanford University Press, 1987.
- KAUFMAN, T. Language history in South America: what we know and how to know more. In: PAYNE, D. L. *Amazonian Linguistics. Studies in Lowland South American Languages*. Austin: University of Texas Press, 1990.
- MONTES, M. E. M. *Tonología de la lengua ticuna (Amacayacu)*. Bogotá: CCELA, 1995.
- _____. Vers une tonologie de la langue ticuna. Mémoire de D.E.A. Paris: Université Paris VII, 1987.
- SOARES, M. Facó. Subespecificação tonal e tom default: o caso Tikuna. In: CABRAL, A.S.A.C. & RODRIGUES, A.D. (org.) *Estudos sobre línguas indígenas I*. Belém: UFPA, 2001.

- _____. *O supra-segmental em Tikuna e a teoria fonológica. Volume I: Investigação de aspectos da sintaxe Tikuna*. Campinas, Editora da UNICAMP, 2000a.
- _____. "On the relation between syntax and phonology in Tikuna (isolated), Marubo and Matsés (Panoan family)". In: VOORT, Hein van der & KERKE, Simon van der. *Indigenous languages of Lowland South America. Indigenous languages of Latin America (ILLA) 1*. Leiden: CNWS, Universiteit Leiden, 2000b.
- _____. Sous-spécification tonale en Tikuna. In: CARON, B. (ed.) *Actes du 16e Congrès des Linguistes*. Oxford: Elsevier Sciences., 1998.
- _____. "Regulação rítmica e atuação do OCP em Tikuna". *Letras de Hoje* v.31, n. 2:7-26. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1996.
- _____. Ritmo y tono en tikuna. *Actas de las Segundas Jornadas de Lingüística Aborígen*, 1994. Buenos Aires: Universidad de Buenos Aires, Facultad de Filosofía y Letras, Instituto de Lingüística, 1995a. p. 147-161.
- _____. "Núcleo e coda. A sílaba em Tikuna". In: WETZELS, L. (org.) *Estudos Fonológicos das Línguas Indígenas Brasileiras*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995b. p. 195-263.
- _____. Aspectos supra-segmentais e discurso em Tikuna. In: ORLANDI, E. (ed) *Discurso indígena. A materialidade da língua e o movimento da identidade*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1991.
- _____. "Marcação de caso e atribuição de Caso em Tükuna". *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 18: 79-114. Campinas: IEL/UNICAMP, 1990.
- _____. "Alguns processos fonológicos em Tükuna". *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 10: 97-138. Campinas: IEL/UNICAMP, 1986.
- _____. "Traços acústicos das vogais em Tükuna". *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 7: 137-175. Campinas: IEL/UNICAMP, 1984.
- TERZI, A. (1999). Clitic combinations, their hosts and their ordering. *Natural Language and Linguistic Theory* 17, 85-121.